

## Introdução

Quando em julho do ano findo iniciamos nosso trabalho no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais foi-nos confiada a tarefa especial do levantamento e análise crítica dos estudos de comunidades feitos no Brasil até o momento. Logo em seguida entretanto, tornar-se-ia mais específica esta incumbência transformando-se numa investigação sistemática da contribuição que os mesmos estudos traziam ao esclarecimento dos nossos problemas de educação.

Colocado neste novo ângulo, o estudo geral que pretendíamos realizar desdobrou-se em perspectivas e uma série de problemas de que antes não havíamos cogitado puseram-se diante de nós. Com a especificidade do estudo, colocava-se melhor o próprio problema dos estudos de comunidades.

As comunidades estudadas representavam situações diversas, o que vinha constituir uma grande vantagem para nós. Haviam sido estudadas entretanto com preocupações diversas e a ênfase neste ou naquele aspecto da vida local variava à medida que passávamos de um a outro estudo. Em todas elas o processo educativo informal recebia certa atenção. O processo de educação formal, entretanto, embora o que nos fôsse interessar mais de perto, era na maioria dos casos, objeto apenas de referências de passagem. Nesse setor, eram especialmente precários os dados ao nosso alcance. Em sua maioria não eram dados específicos sobre situações observadas nas salas de aulas ou em circunstâncias de que professores e alunos participassem. As informações sobre a atuação da escola, quer no sentido da formação de hábitos ou de atitudes, quer no sentido da transmissão de conhecimentos, por exemplo, só podiam ser obtidas de modo indireto, pela maneira por que tais hábitos e atitudes se faziam presen-

tes na vida cotidiana das populações estudadas ou pela ignorância que as mesmas mostravam do que se esperaria que a escola ensinasse.

As limitações encontradas eram consideráveis e o escopo do trabalho se viu necessariamente reduzido. Puzeram-se, entretanto, alguns problemas e se algum mérito o trabalho possui é justamente o de levantar problemas chamando para êle a atenção tanto dos cientistas sociais quanto dos educadores.

Partindo dos pressupostos, em que se baseia das motivações que supõe e dos objetivos a que se propõe a escola primária brasileira, orientamos o nosso trabalho no sentido de procurar, de um lado verificar o modo de sua participação na vida das populações a que está servindo e, do outro, investigar que elementos das culturas locais de que participam professoras e alunos podem estar atuando no sentido de criar embargos à obra educativa por ela pretendida. São dois aspectos de um mesmo problema que se investiga, aspectos que se completam.

Com essa orientação conduzimos a pesquisa de que ora apresentamos os resultados. Sem pretendemos ter exaurido o assunto consideramos, entretanto, ter dado ao material de que dispunhamos o tratamento que nos pareceu mais significativo para os objetivos a que se propõe o CBPE. Esclareça-se, finalmente, que, analisando estudos já publicados nesse campo de Trabalho, em princípio, fica limitado pelo material acaso fornecido pelas monografias consideradas.

Cabem nessa Introdução os nossos agradecimentos a todos quanto na apresentação inicial deste trabalho numa das nossas costumeiras reuniões semanais contribuíram com críticas e observações várias à sua elaboração. Em particular, desejamos agradecer ao Prof. Charles Wagley pelas discussões preliminares do problema quando de sua estada entre nós, ao meu colega, Dr. Waldemiro Bassanella, pelo estímulo e colaboração prestada, e "last but not least", ao Prof. L.A. Costa Pinto, pela revisão sobremaneira cuidadosa e crítica, sem a qual certamente as falhas e lacunas deste trabalho estariam de muito multiplicadas.

Os estudos de comunidades: nota metodológica.

Os estudos chamados de comunidades, com que na segunda década deste século a Antropologia iniciou suas abordagens de sociedades complexas, tiveram grande aceitação entre nós e deram origem a uma série de trabalhos que, sob aquela denominação, começaram a ser feitos no Brasil a partir da década dos 40.

A preocupação central dessa abordagem foi a de mostrar a aplicabilidade das técnicas de investigação antropológica, até então somente usadas no estudo de grupos primitivos, ao estudo das culturas de que participavam os próprios estudiosos. Partia-se da pressuposição de que o fenômeno cultural era um só em espécie e que no estudo de suas manifestações, quer entre primitivos, quer entre civilizados, era, portanto, possível a aplicação das mesmas técnicas.

As técnicas de investigação usadas, bem como a atitude mental do estudioso eram, assim, as mesmas já tão conhecidas da investigação etnográfica: participação prolongada e intensa na vida do grupo em estudo, através de residência no local da pesquisa e de contactos os mais variados com seus componentes, obtenção de histórias de vida, reconstrução de genealogias, aplicação de determinados testes psicológicos, etc., acrescidas, agora, de certa documentação histórica, uma vez que se estava tratando de grupos com história registrada. Talvez fosse desnecessário acrescentar que as comunidades escolhidas eram, em regra, pequenas. (1) A herança trazia dos estudos et-

---

(1) A esse respeito há uma circunstância curiosa a notar: o estudo tido como o primeiro no gênero de estudos de comunidades parece ter sido o único até hoje a utilizar uma comunidade de 30.000 habitantes. Trata-se de "Middletown, a Study in Contemporary American Culture" feito não por um antropólogo, mas pelo sociólogo americano Robert S. Lynd e sua esposa Helen M. Lynd.

nográficos, do estudo de populações reduzidas e isoladas, em que se procurava, por assim dizer, esgotar, pela descrição, a cultura de que eram portadoras, na tentativa de documentar, nos mínimos detalhes, modos de vida desconhecidos e em desaparecimento, assim se refletia nos estudos de comunidades letradas. Com isto também herdava-se a preocupação com a descrição de um todo cultural, integrado e operante, que tornasse inteligíveis as formas culturais observadas e a ênfase conseqüente no seu caráter particular e inclusivo.

No capítulo primeiro de sua Introdução a "Middletown", por exemplo, Robert e Helen Lynd declaram:

"O objetivo do trabalho de campo registrado nas páginas seguintes foi o estudo sincrônico do entrelaçamento de tendências que constituam a vida de uma pequena cidade Americana". (2)

Certo, cogitava-se de representatividade, mas a própria complexidade das culturas nacionais a dificultava. Era necessário que de antemão se caracterizasse a comunidade, que previamente se escolhesse as circunstâncias que deveriam cercar a comunidade que se pretendia estudar; era necessário determinar de que tipo de situação é que a comunidade a ser estudada seria representativa.

Estas duas ordens de fatores fizeram dos estudos de comunidades estudos de caráter local e âmbito restrito.

As "culturas nacionais", que a Antropologia buscava conhecer através do estudo daquelas pequenas unidades de vida social a que chamava comunidades, estavam de certo ali representadas, mas nunca em sua totalidade, apenas, em seus aspectos parciais.

---

(2) Lynd, Robert S. e Helen M., "Middletown, A Study in Contemporary American Culture", New York, Harcourt, Brace and Company 9a. e., 1932. Trabalho pioneiro no gênero. Realizado entre Janeiro de 1924 e Junho de 1925 e publicado, pela primeira vez, em 1929.

A complexidade do fenômeno "cultura nacional", indissociavelmente ligado ao da estrutura da sociedade nacional, era de uma ordem extremamente mais complexa que o daquelas esferas mais simples e homogêneas com que a Antropologia costumava etnograficamente lidar. O próprio número e multiplicidade de tamanhos, formas e graus de participação das comunidades na estrutura maior eram, por si só, uma de suas manifestações mais características.

Os estudos de comunidades adquiriram assim o caráter de estudos monográficos, frequentemente com o objetivo explícito ou implícito de fins em si mesmos. O que ficava conhecido era, afinal, na maioria dos casos a vida do pequeno grupo cujo estudo entretanto muitos intentavam com ânimo de iluminar um campo muito maior.

A confusão quanto ao sentido e possibilidades dos estudos de comunidades permaneceu até hoje e também chegou até nós. Basta um lançar de olhos à fundamentação metodológica dos estudos que no gênero foram feitos no Brasil, para que disto nos convençamos.

Na primeira pesquisa do gênero feita entre nós, intitulada CUNHA: Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil (3) há uma preocupação central com o tema mudança cultural. O estudo de Willems revela considerável influência dos estudos de comunidades realizados por Redfield em Yucatan, nos primeiros anos da década dos 30. (4) Willems estava interessado em verificar de que maneira se estava modificando a cultura de um grupo essencialmente rural, que depois de um longo período

---

(3) Willems, Eelco, Cunha: Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil, Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1947.

(4) Redfield, Robert, Civilização e Cultura de Folk, Estudo de Variações Culturais em Yucatan, Biblioteca de Ciências Sociais, vol. XI, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1949. O original norte-americano The Folk Culture of Yucatan foi publicado em Chicago, The University of Chicago Press, 1941.

de isolamento, há cerca de 25 anos havia sido pôsto em contacto directo com influências urbanas e de industrialização.

Estamos diante de um determinado tipo de comunidade que, dentro de uma estrutura nacional complexa, é usada para estudo de um problema que resultava da própria participação desta comunidade no todo maior de uma sociedade nacional. Entretanto, apesar dos esforços feitos, a formulação geral em que colocou o problema e o uso que fez do método, não lhe permitiram nem tratar com profundidade qualquer dos aspectos que na vida de Cunha se operava, nem tão pouco dar unidade ao seu estudo. A conclusão a que se chega no fim do trabalho é que o sistema econômico, a organização social, a religião, etc., tudo estava mudando, sim, de que a "cultura de folk" - de que Cunha era um exemplo, - se estava secularizando, mas de modo nenhum tem-se a impressão que se está diante de um sistema econômico, religioso, de uma organização social, de uma concepção de vida, integrados, que atravessa uma transformação, em muitos de seus aspectos, radical, pelo impacto de influências de um outro sistema, que por ser mais amplo é certamente mais integrante e absorvente que aquele. A análise deste processo fundamental escapou à abordagem dispersiva e essencialmente descritiva usada por Willems.

Em Cruz das Almas Pierson é textual na definição dos objetivos do seu estudo:

"O presente estudo procura relevar a vida de populações rurais nas colinas não muito distantes da cidade de São Paulo". (5)

justificando nestes termos a escolha de "Cruz das Almas". (6)

---

(5) Pierson, Donald, Cruz das Almas, A Brazilian Village, Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication No. 12, Washington, 1951, p. V. A denominação Cruz das Almas com que Pierson batizou a comunidade que estudou é fictício, como são também fictícios os nomes Itá, Minas Velhas e Vila Recôncavo, etc. Tal procedimento vem se tornando tradição nos estudos de comunidades uma vez que pela natureza de tais estudos, a identificação de pessoas e fatos poderia trazer inconvenientes.

(6) Idem, p. VI

"... a vila de Cruz das Almas foi escolhida por ser o povoado que na região do planalto parecia combinar melhor as circunstâncias necessárias de uma história comparativamente longa, não interrompia por intrusões importantes de fora, uma população com um grau considerável de ascendência indígena e uma ausência de atividade industrial na área, para revelar os padrões culturais básicos da região, anteriores a modificações trazidas pelo impacto industrial".

Pierson está interessado em conhecer, portanto, através de uma comunidade tomada como amostra, um modo de vida que prevaleceu, como declara, no passado, e que reputa característico de todo o Brasil rural, excetuadas as regiões ainda habitadas por grupos indígenas. É uma descrição das formas culturais locais de resolução dos problemas adaptativos fundamentais, elaboradas num longo período de relativo isolamento e estabilidade, assim como dos valores, racionalizações e expectativas de comportamento que disto resultaram e que servem à caracterização do "caipira" em posição ao "cidadão", do homem da roça em relação ao citadino.

Pierson quer fixar assim um retrato do Brasil não urbano e pré-industrial, embora os contactos entre Cruz das Almas e o mundo exterior, a sua participação, ainda que larvária, nos processos de urbanização e industrialização, que ocorrem às suas portas, sejam já evidentes. Seu interesse, portanto, foi estudar o Brasil do passado, como tal.

O trabalho de Wagley, "AMAZON TOWN" é "o estudo de uma região (no caso o Brasil Amazônico) e do "modo de vida de seu povo... um modo de vida distinto" (que ali se formou) "pela fusão das culturas Ameríndia e Portuguesa durante os últimos três séculos"(7) Na, entretanto, no trabalho de Wagley, uma motivação de ordem prática que o levou a estudar "Itá" tendo como pano de fundo o cenário nacional e internacional, enriquecendo mais o seu estudo. Na preocupação com o esclarecimento das causas do atraso e pobreza de "Itá" para orientação dos programas de ajuda a áreas subdesenvolvidas ele é constantemente levado a relacionar a economia e a organização social locais com o contexto mais amplo a que "Itá" está ligada, buscando em fatores de ordem histórica, so

---

(7) Wagley, Charles, Amazon Town, A Study of Man in the Tropics, The Macmillan Company, New York, 1953

cial e cultural as raízes da situação. Problemas de saúde, de educação, nível de vida, etc., são tratados não só em relação aos padrões culturais locais como à situação de "Ita" na estrutura socio-econômica, regional e nacional.

O estudo feito da ilha de Búzios (8), uma comunidade de pescadores no largo da ilha de São Sebastião, no litoral de São Paulo, parte integrante de um projeto de pesquisa de maior amplitude sobre a vida das populações da costa sul do Brasil, também teve por objetivo inicial a descoberta de seus padrões culturais básicos. A ilha de Búzios foi escolhida, mais uma vez, porque pareceu ser uma das comunidades mais isoladas da região. Somente "a posteriori", aquele estudo, que pretendia ser de isolamento cultural, transformou-se em estudo de contacto cultural, em estudo das relações de Búzios com o mundo além de Búzios.

O estudo de "Vila Recôncavo" (9) foi definido por seu autor como "uma análise descritiva de uma comunidade na região produtora de açúcar do Nordeste Brasileiro" - concebido dentro do quadro histórico do desenvolvimento da lavoura e indústria açucareira naquela região. É o estudo do tipo de comunidade que se formou dentro de um determinado sistema de produção agrícola em determinadas circunstâncias históricas. É estudo descritivo, nos moldes clássicos dos estudos de comunidades.

Já o estudo de Marvin Harris (10) tem como intenção primordial considerar os conceitos de "rural" e "urbano" dentro do contexto de uma região cultural-econológica do Brasil moderno (11). Ele se propõe definir em termos de instituições específicas, presentes naquela comunidade, o que é urbano e o que é rural e mostrar como se formou e a dominância que exerce o complexo urbano

(8) Willems, Emilio e Mussolini, Giocenda, Búzios Island, A Caiara Community in Southern Brazil, J.J. Augustin Publisher, Locust Valley, New York.

(9) Hutchinson Harry W., Vila Recôncavo, A Brazilian Sugar-cane Plantation Community, inédito ainda, apresentado como tese de doutoramento a Universidade de Columbia, New York, 1953.

(10) Harris, Marvin, Minas Velhas: A Study of Urbanism in the Mountains of Eastern Brazil, inédito, apresentado como tese de doutoramento a Universidade de Columbia, N.York, em dezembro de 1952.

(11) Idem MS.

na vida daquela pequena comunidade, representativa de tantas outras naquela região antiga de mineração.

Santos e Visagens de Eduardo Galvão ocupa-se de um problema. (12) A comunidade, a mesma estudada por Wagley, foi tomada como uma amostra do Brasil Amazônico e ali se procurou estudar as formas de relação com o sobrenatural em termos da formação histórica e da vida locais. Santos e Visagens não é um estudo típico de comunidade; é antes o estudo cuidadoso e detalhado de um aspecto da cultura em suas relações com os demais aspectos da vida local.

O trabalho de Lucila Hermann(13) é um estudo histórico da estrutura social de Guaratinguetá em 3 épocas diversas. É um trabalho em que se delineiam configurações estruturais assinalando relações mas sem analisar detalhes.

A impressão que nos fica desta breve exposição é, portanto, a de uma variedade imensa de objetivos nos estudos que de comunidades, entre nós, têm sido feitos. Todos eles procuram abordar um determinado número de tópicos que constituem, por assim dizer o seu denominador comum. Os estudos de comunidades são sempre feitos com a intenção de revelar as formas de resolução dos problemas básicos de sobrevivência de um determinado aglomerado humano. Estes temas fundamentais, como sejam, subsistência, organização social, vida religiosa, política, recreativa, formas de transmissão da experiência, etc., considerados em linguagem antropológica "os universais da cultura", uma vez que não se imagina nem jámais se encontrou uma cultura que deles prescindisse, são exatamente aqueles de que se ocupam os estudos deste gênero procurando deles apresentar uma imagem coerente, em que os diversos aspectos apareçam no seu entrelaçamento, nas suas relações funcionais, naquilo que se costuma chamar, um todo cultural.

Postos nêstes termos era de se esperar que o problema de educação não tivesse sido descurado nos estudos de que nos ocupamos. Entretanto uma série de razões contribuiu para que tal acontecesse e o problema de fato não mereceu a atenção especial a que fazia jús. Ou porque as localidades estudadas carecessem de escolas, ou porque a preocupação com outros aspectos das comunidades canalizasse as atenções e as desviasse dos aspectos de integração

---

(12) Galvão, Eduardo, Santos e Visagens

(13) Hermann, Lucila.

da mesma com a estrutura maior, ou simplesmente porque não fôsse esse o aspecto que mais interessasse aos pesquisadores, o fato é que, em todos os casos, êle foi descurado. Sendo estudado de carater geral, os estudos de comunidades, além de correrem o risco de descambarem em descrições intermináveis de tudo, oferecem ao pesquisador essa disponibilidade de tratar com maior ou menor ênfase êste ou aquele assunto, segundo a importância com que o mesmo se afigure aos seus olhos ou segundo os seus interesses. Por outro lado, a falta de preocupação com situar as comunidades no contexto maior a que elas pertencem, com relacionar as suas instituições com as instituições mais inclusivas da superestrutura de que elas fazem parte, com estudar as modificações que estas sofrem no contexto das várias comunidades que alguns estudos demonstram ou que quando têm, têm acidentalmente parece-nos ainda mais responsável pela lacuna.

O estudo da integração da escola como instituição e daquilo que ela tem a ensinar nos modos de vida das populações brasileiras, conquanto problema bastante específico e que merece, por si só, estudo especial, teria sido dos de abordagem mais imperiosa desde que estivesse presente uma escola. Esse problema, que é em última análise, um problema ligado ao mais geral de mudança nestas comunidades, mostrar-se-á tanto mais evidente quanto maiores forem as solicitações da estrutura socio-econômica maior sôbre as comunidades em questão, quanto maior for o grau de participação destas naquela.

É no contexto da vida social que o processo de educação formal e informal tem lugar. Na verdade é esta a forma por que a vida social e cultural dos diversos grupos humanos se renova e tem, simultaneamente, assegurada sua continuidade. Os problemas de educação, portanto, estão irremediavelmente ligados a contextos culturais e sociais e sômente desta perspectiva podem ser estudados e entendidos.

§ Esse processo geral de socialização não visa a outra coisa sinão à interiorização de uma maneira de viver, de modos de sentir, reagir, conhecer, relacionar-se com o mundo em derredor; à interiorização de valores, formas de comportamento, atitudes e ideais comuns a um certo grupo numa determinada época, além da Transmissão de Técnicas e habilidades específicas.

Nas sociedades mais simples, a própria homogeneidade leva à unidade dos objetivos do ensino e de expectativas em torno do processo educativo. Nas sociedades mais complexas e estratificadas, porém, a coexistência de sistemas interpretativos e valorativos diversos faz surgir diferentes atitudes e expectativas em torno da educação. Tais sociedades, articuladas através de uma superestrutura, um grande número de populações cujo passado histórico, grau e forma de participação no sistema que esta mesma superestrutura representa é dos mais variáveis. A escola, como um dos instrumentos desse sistema integrador, só começa efetivamente a penetrar nos modos de vida de tais populações, em razão da participação destas naquele mesmo sistema cujos valores e motivações a escola representa.

Tomando o caso do Brasil para exemplo é fato notório, e os estudos que acabamos de mencionar só vêm documentá-lo, que o mesmo possui populações cuja formação histórica, grau e modo de participação na estrutura socio-econômica nacional varia. Intimamente ligados a esses fatores variam, também, os seus valores, orientações e motivações. A escola primária brasileira, que representa uma ordem de valores e uma orientação, repousa em pressupostos e supõe motivações que, por força das variações referidas, estão muitas vezes ausentes dos diferentes contextos em que ela deve operar. Outras vezes, entretanto, as motivações já existem, mas a escola está ausente. Outras vezes, ainda, existe a escola, existem as motivações, mas a sua inoperância impede a realização da obra educativa a que pelo menos em ideal, ela se propõe.

O problema é portanto, complexo e variado, e oferece facetas múltiplas à investigação.

### Pontes de Estudo

Os estudos de comunidades que serão usados na presente análise são os seguintes:

#### 1. Cunha: Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil.

Estudo realizado pelo Dr. Emílio Willems e assistentes, de uma sede municipal e zona rural adjacente, no Nordeste do Estado de São Paulo, nos meses de Janeiro, Março, Junho, Julho e Novembro de 1945. Em 1940 a superfície do município em questão era de 1 510 km<sup>2</sup>; a sua população em 1943, segundo censo municipal, era de cerca de 27.000 indivíduos,

dos quais, apenas 1.485 moravam na cidade de Cunha.

Atividades econômicas básicas: lavoura do milho e do feijão e criação de suínos. Criação de gado em fase de penetração.

2. Crus das Almas: A Brazilian Village. Estudo de uma sede distrital e zona rural contígua nas proximidades da cidade de São Paulo, feito pelo Prof. Donald Pierson e seus assistentes de pesquisa, entre Fevereiro de 1947 e Dezembro de 1948. Em 1940, viviam em todo o distrito 2.723 pessoas, das quais 9,1% na sede e 90,9% nas roças circunvizinhas. O distrito possuía 190 km<sup>2</sup>.  
Atividades econômicas principais: lavoura do milho, feijão e arroz e da cana para transformação em aguardente.
3. Búzios Island: A Caicara Community in Southern Brazil. Trabalho realizado por Emilio Willems e Gioconda Mussolini na Ilha de Búzios no litoral paulista, em 1947. Búzios é uma ilha cuja superfície é de sete e meio km<sup>2</sup>. Com uma população de 126 habitantes. Administrativamente Búzios constitui uma parcela da unidade administrativa formada pela ilha de São Sebastião. Não é sede de coisa alguma, raso por que nenhum órgão da administração se acha ali instalado. A atividade econômica predominante: pesca e pequena lavoura de subsistência.
4. Minas Velhas: A Study of Urbanism in the Mountain of Eastern Brazil. Estudo de uma sede municipal e povoados da zona rural com ela relacionados na região montanhosa central do Estado da Bahia, antiga região de mineração. Sua realização esteve a cargo de Marvin Harris, auxiliado por pesquisadores brasileiros. A pesquisa de campo abrangeu o período entre Julho de 1950 e Junho de 1951. A sede municipal conta com cerca de 1.500 hab. As vilas com uma população que varia entre 585, 206, 162, 149, 76 e 67 pessoas.  
Atividades econômicas básicas: Na cidade, um artesanato de metal e couro e um pequeno comércio de tecidos e de secos e molhados. Nas vilas, uma pequena agricultura de arroz, cana, milho, feijão e mandioca, como culturas primárias e de batata, abóbora, banana, andú e inhame, como culturas secundárias.
5. Vila Resôncavo: A Brazilian Sugar-Cane Plantation Community. Nos 80 km<sup>2</sup> que constituem a comunidade, está contida uma sede municipal de 1.462 hab. e 13 fazendas, 11 delas, de cana, uma das quais possui usina. A população da zona rural é de 2.800 pessoas, das quais 500 vivem na sede da usina. Em cada uma das fazendas de cana vivem entre 150 e 200 pessoas. Trabalho realizado por Harry Hutchinson entre Junho de 1950 e Julho de 1951, auxiliado por estudantes brasileiros. A sede fica à beira da baía de Todos os Santos e tem vida praticamente independente da zona rural. Suas atividades econômicas básicas relacionam-se com a burocracia, o comércio e a pesca. A zona rural é de plantação extensiva de cana e de transformação da mesma em açúcar. Também planta um pouco de mandioca para subsistência.

## 6, Amazon Town: A Study of Man in the Tropics.

Estudo de uma comunidade do baixo Amazonas constituída por uma sede municipal e área rural adjacente, realizado por Charles Wagley e colaboradores brasileiros. O município de que as mesmas fazem parte cobre uma área de 6.094 km<sup>2</sup> e contém cerca de 8.000 habitantes. A comunidade estudada representa cerca de 1/5 do território da municipalidade e inclui cerca de 2.000 pessoas das quais aproximadamente 500 moram na sede.

Atividades econômicas básicas: coleta da borracha, lavoura de mandioca, pesca e caça.

O material retirado destes estudos, embora escasso, como já tivemos oportunidade de declarar, serve bem, entretanto, à análise documentada de algumas das facetas do problema de que ora nos ocupamos. Procuraremos agrupá-lo sob tópicos diversos no sentido de facilitar o nosso trabalho, mas essa compartimentalização, é evidente, será mera questão de ordem na exposição.

### Búzios, comunidade sem escola

Búzios é como vimos uma ilha do litoral paulista com 7,5 km<sup>2</sup> e uma população de 126 habitantes, cuja subsistência deriva da pesca, do plantio de mandioca, feijão, guandú, cará, batata doce, etc., e do produto da coleta do limo que é vendido a preços variáveis. Apesar de ter sido escolhida por parecer das comunidades mais isoladas do litoral de S. Paulo, Búzios nunca foi uma comunidade isolada porque nunca foi autosuficiente. As primeiras atividades econômicas aí praticadas, de que se tem notícia, ligam-se ao plantio do café, época em que a ilha dependeu, para sua subsistência, das áreas circunvizinhas. Com o desaparecimento do café, Búzios voltou-se para a pesca e, mais tarde, acrescentou aos seus produtos de exportação o feijão preto, que passou a ser cultivado em grande escala. Mais recentemente a coleta do limo veio aumentar as suas fontes de renda. A economia de Búzios, pelo visto, não tem tido nada de estável e os seus contactos com o exterior têm sido múltiplos.

Pelas circunstâncias específicas do seu meio físico e do tipo de exploração que dele é feito entretanto, desenvolveram-se entre os habitantes de Búzios uma série de atitudes de valores, de formas de comportamento, que não são os mesmo implícitos no sistema mais amplo em que eles procuram se integrar. Búzios não tem escola, mas a sua necessidade é sentida e verbalizada, pelo menos

pelos homens adultos da localidade que não querem ver como eles mesmos dizem seus filhos frustrados, como eles são agora, nos seus contactos comerciais, em Santos ou São Sebastião, a necessidade de poder manipular a mesma simbologia de cálculo e escrita, cujo desconhecimento os põe em desvantagem nos negócios tem sido mais e mais agudamente sentida e o remédio que se busca para a situação é a obtenção de uma escola. Comentando, entretanto, o modo dos habitantes de Búzios encarar o problema, Willems e Cicconda notam que apesar de sentirem tanto a falta da escola, é idéia completamente estranha aos mesmos a de possuir uma que não seja dada pelo Governo. A idéia de localmente serem promovidos os meios para suprirem aquela falta parece não lhes passar pela cabeça. Investigando as razões para tanto os autores da monografia sugerem que elas se encontrem ligadas à quase ausência de formas de liderança na comunidade e da falta de hábito de trabalho em cooperação. O grau de integração desta comunidade é, por assim dizer, tão frouxo que qualquer empreendimento que exija a cooperação organizada da comunidade não entra na cogitação dos seus membros. Na falta de uma instituição que se encarregue da comunidade em sua totalidade Búzios mostra-se incapaz de agir como um todo no planejar ou levar a cabo u'a mudança.

Na realidade trata-se de uma comunidade cujas atividades de subsistência, por motivos que adiante apontaremos, são, em sua maioria, realizadas individualmente. Na pesca, o uso de rês de arrasto, aquelas que requerem o trabalho conjugado de muitos, é impossível dada a topografia da ilha. A pesca é toda feita em barcos, com linha e rês pequenas. Na agricultura, o plantio da mandioca, pelo tamanho dos roçados e condições de solo e de clima, dispensa a ajuda de vizinhos e companheiros sob a tão conhecida forma de trabalho cooperativo encontrada em outras regiões do Brasil sob a denominação de "mutirão". Os grupos que participam de trabalhos em cooperação na exploração de recursos naturais não transcendem os limites do grupo familiar e pai, mãe e filhos - e mesmo neste caso, a cooperação dos filhos é remunerada separadamente. Embora apareça em algumas outras atividades a necessidade do trabalho em cooperação, ela nunca envolve grupos de trabalho numerosos. O barreado da casa, a descida da canôa, sempre requerem mais de um indivíduo mas nunca a comunidade inteira. Os hábitos de realizações individuais e independentes parecem sobrepujar aqueles de trabalho

cooperativo e organizado e de certo modo, pelo menos, corrobora a tese dos autores.

Outras atitudes dos habitantes de Búzios, e que certamente mais esclarecerão a nossa discussão, são aquelas que se referem à sua relação com o trabalho e o tempo. Dentre as considerações feitas ao assunto pelos autores estão as seguintes:

"Não é certamente nem fraqueza, nem indolência, nem repugnância aos princípios de que o trabalho é inerentemente bom e de que cada um deve trabalhar regularmente que caracteriza os ilhéus, mas ao contrário, o fato de que esses princípios, indiscutidos no Mundo Ocidental, nunca foram completamente reconhecidos pelos Caiçaras e outras culturas Caboclas do Brasil. Os Caiçaras não acreditam que o trabalho seja inerentemente bom e que deva ser feito regularmente, como por exemplo, "do amanhecer ao anoitecer". Os Caiçaras podem passar dias consecutivos sem fazer nada sem entretanto se sentirem culpados de nenhum pecado ou falta. Ócio desta natureza é ponto pacífico na cultura Caiçara e não é certamente, sinonimo de preguiça. Um homem é considerado preguiçoso quando ele deixa de prover sua família de alimentação e vestuário e a deixa descer abaixo do nível de respeito localmente aceito. Para evitar ser criticado, um homem tem que satisfazer as necessidades imediatas de sua família mas se o mau tempo ou marés bravias obrigam-no a um descanso adicional, ele não é considerado culpado por uma escassez eventual de alimentos, mesmo quando isto pudesse ter sido previsto." (14)

A preocupação com o futuro e, conseqüentemente, com previsão, parece não ter cabimento dentro do mundo mental dos Caiçaras de Búzios. A sua preocupação dominante com respeito ao tempo é com o presente, uma atitude que transparece muito cristalinamente também na ausência completa de qualquer rito ou cerimônia levada a efeito pela comunidade como um todo para assegurar o seu bem estar. Orações, rituais, são praticados visando o bem de determinadas pessoas e individualmente. O padrão individualista aparece muito claro aqui também.

Embora altamente críticas de sua situação presente, a única solução que os habitantes de Búzios encontram para a melhoria de suas condições é deixar a ilha e buscar um "lugar de mais

---

14) Willems e Muscolini, p. 57

futuro". Como tem acontecido em outros lugares "a emigração e não a mudança nas condições locais tem sido a sua resposta ao contacto com a civilização urbana". (15) Para mudar, o Caiçara não muda o seu sistema, procura se integrar em outro sistema, dominante na estrutura maior de que é parte, no qual o regime de trabalho, a preocupação com o tempo, a forma de dedicação aos interesses, toda a vida, em suma, é diametralmente oposta à sua.

Uma escola para Búzios tem que estar consciente de toda essa problemática, no seu papel de instrumento de mudança e de integração destas populações na sociedade maior: de um lado, os valores, as motivações e o sistema interpretativo local, do outro, os valores e as motivações que a escola representa e lhes quer inculcar.

#### A escola, nas outras comunidades.

Passemos, agora, ao problema da atuação efetiva de escola, onde ela se faz presente. Com o material de que dispomos vejamos, em primeiro lugar, como ela está se desincumbindo da formação de hábitos e de algumas de suas tarefas fundamentais, quais sejam as da transmissão de conhecimentos nas comunidades consideradas.

A escola parece contribuir pouco ou nada para o conhecimento do mundo exterior às comunidades. Esta foi das primeiras conclusões que conseguimos extrair dos estudos que tomamos por base deste ensaio.

O conhecimento de outras partes do mundo, ou mesmo do Brasil, entre as populações estudadas é, na maioria dos casos, inexistente, vago ou incorreto. Em Cruz das Almas, por exemplo, onde não somente nacionais de outros estados mas estrangeiros participavam da vida local, uma das pessoas mais capazes da vila e que já havia tomado conhecimento da existência dos estados de Alagoas, Sergipe e Ceará, pela presença no local de pessoas destes estados, uma vez perguntou se o Amazonas era no Brasil, se Buenos Aires era no Brasil, se os Estados Unidos da América do Norte também eram aqui. Essa situação, exemplifica<sup>da</sup> com "Cruz das Almas" é, entretanto, generalizada.

(15) - Willems e Mussolini, p. 57

Em outras ocasiões, não são as informações sobre o mundo exterior à comunidade que faltam, mas, bem mais que isto, informações sobre as suas ligações com o passado e sua relação com processos que estão ocorrendo às suas próprias portas. Hutchinson mostrou-se admirado em "Vila Recôncavo" com a falta de conhecimento mostrada pelos habitantes da "Vila" a respeito da história local, em se tratando de uma área tão antiga e pontilhada de ruínas e de marcos deste mesmo passado. Toda a transformação engenho-usina que ali ocorreu está, como de resto, todo o passado histórico da comunidade, ausente das preocupações do ensino local. O mesmo pode ser dito com referência a "Minas Velhas", onde os fatos do período de mineração passaram ao domínio popular sob forma lendária e o desconhecimento das áreas circunvizinhas à cidade pareceria inexplicável se para isto não influísse a sua própria formação urbana. O isolamento em que são colocados certos centros urbanos, pela sua perda gradativa de funções imediatamente refletidas na perda ou rarecimento de suas comunicações com o exterior, como é o caso de ambas, "Minas Velhas" e "Vila Recôncavo", e a atitude negativa, depreciativa, que manifestam em relação às zonas rurais circunvizinhas, atitude peculiar à sua condição urbana devem ter o seu papel no aparecimento da deficiência de ensino aqui discutida. Por outro lado, um professorado de fora, não integrado no local, e descontente com a sua situação, como é o caso, por exemplo, da maioria das professoras de "Vila Recôncavo", evidentemente muito podem contribuir para tanto. A este respeito Hutchinson tece os seguintes comentários:

"Há uma diferença entre as professoras que moram habitualmente em Vila Recôncavo e/que lá estão de passagem. Aquelas que só passam ali o ano letivo ou não têm contacto com a população local ou o têm muito pouco, aparentemente sentindo-se superiores à qualquer pessoa do local. Elas são moças jovens, mas não estão à procura de um marido entre os homens dali e admitem abertamente que não gostam da vila. Elas se destacam no grupo que chamam aos pecadores de preguiçosos e estupidos e em geral antagonizam os moradores locais." (16)

Acrescenta êle:

"Como acontece freqüentemente no Brasil, a professora é uma pessoa que está tentando abrir caminho socialmente e que não deseja agregar-se com quem não possa favorecer esta sua ambição. Seu objetivo não é tornar-se uma figura de importância

no local, pois acreditam já pertencerem de antemão a este grupo em virtude de sua educação e do fato de que tem de de fora, mas progredir na capital. Esta atitude é comum à maioria das pessoas de fora que tem de permanecer em "Vila Recôncavo" para ganhar a vida, pois a cidade tem pouco a oferecer em termos de vida social e diversões que possa ser comparado com a vida da cidade." (17)

A clareza desta exposição dispensaria outras considerações não fôsse a necessidade que sentimos de salientar ainda mais os pontos abordados. Não é somente a questão da transmissão pura de conhecimentos que está aqui envolvida, mas o problema tão ou mais importante da necessidade de se fazer da escola alguma coisa integrada na vida destas populações e não um lugar onde os pais mandam os seus filhos passar algumas horas para cumprir um ritual julgado necessário. Evidentemente isto não se consegue com professoras hostis ao próprio meio em que ensinam.

Na questão da formação de hábitos, o papel da escola como agente de integração das populações na sociedade e cultura nacionais fica bastante evidente. A sua eficácia ou inoperância nesse setor, entretanto, não é alguma coisa que somente dela dependa. Tomemos o caso da formação dos hábitos de linguagem por exemplo. "Cruz das Almas" exemplifica nesse sentido uma situação mais ou menos geral. A influência da escola sobre o falar caipira local é realmente limitada. Nas palavras de um rapaz da vila, a situação é a seguinte:

"Eu falo caipira como todo mundo aqui. Eu digo "hamo" e "nois". Desde pequeno que eu ouço as pessoas falarem assim e eu me acostumei a falar assim também. Mas eu sei como escrever estas palavras; elas deviam ser "vamos" e "nós". Todos nós que fomos à escola sabemos disto. Mas a professora mostra como se escreve, nunca como se fala. Ela não diz nada quando a gente fala como não deve; mas se a gente escreve uma palavra errada, ela corrige".(18)

Quando todos na Vila falam caipira e o ensino da língua oficial se limita ao ensino da escrita da língua, é evidente que esta língua oficial nunca será falada na vida quotidiana.

O caso da formação de hábitos de limpeza é semelhante. As crianças que frequentam a escola conhecem ao menos os principais conselhos de higiene. Que se deve lavar o rosto, pentear os cabelos e escovar os dentes todos os dias; que se deve pôr um lenço diante da boca ao tossir; que se deve tomar banho todos os dias,

---

17) Hutchinson, do MS  
18) Pierson, p. 118

Os poucos almanaques e livros raros, como, por exemplo, "O Bom Homem Ricardo", encontrado numa das vilas da zona rural de Minas Velhas", são guardados com muito cuidado e carinho por anos e a nos sem que o seu número seja acrescido de novas aquisições. A única referência à prática regular de leitura fora do ambiente das salas de aula, entre as populações rurais consideradas, foi a do grupo protestante de Cunha. A leitura da Bíblia sendo-lhe obrigatória, o zelo dos pais em instruir seus filhos nas primeiras letras e inculcar-lhes o hábito de leitura era muito grande. Willems narra o caso de um fazendeiro, que, na ausência de escola próxima, reunia os filhos menores, em idade escolar, para lhes transmitir conhecimentos rudimentares de leitura e escrita. Prosseguindo nas suas observações, Willems comenta:

8

"Embora a Igreja Católica tenha uma posição dominante, ela representa, sobretudo no meio rural, uma força puramente local sem nenhuma articulação com a sociedade mais ampla. Contrariamente talvez ao que o insulamento das comunidades metodistas faz esperar, o protestantismo exerce uma função visivelmente integradora. Nas escolas mantidas pelos metodistas, os alunos não são apenas instruídos nas primeiras letras, mas adquirem realmente o hábito de leitura. E a igreja os provê de leitura. No Cume, por exemplo, aparecem as seguintes revistas "O Expositor Cristão" (seminário), "Revista dos Professores da Escola Dominical", "Voz Missionária" (para senhoras), "Bem-Te-Vi" (para crianças) e "Cruz de Malta" (para jovens). No Jericó o número de assinantes do jornal metodista aumentou de 18 para 30, nos últimos anos. Embora religiosa, essa imprensa contém uma parte informativa capaz de despertar a curiosidade do povo da roça. É fácil pois distinguir os protestantes, entre os moradores rurais. Eles se traem pela maior desengatadura na conversa e pelo interesse que mostram por assuntos e acontecimentos completamente alheios ao horizonte da cultura local. Em algumas casas evangélicas encontramos livros que não esperávamos ver numa região tão isolada. O velho Moraes, morador do Cume, o primeiro e mais antigo protestante do bairro, consultou em nossa presença uma enciclopédia portuguesa do século passado. Fizera uma pergunta sobre veneno ofídico e como nenhum dos presentes soubesse dar resposta adequada, o velho recorreu à enciclopédia que sabia manejar com facilidade, mas antes de aceitar a informação do livro, teve o cuidado de compará-la com suas próprias experiências". (19)

A consciência viva das seitas protestantes no Brasil da mudança de que são agentes é, inegavelmente, dos fatores mais importantes na realização desta mesma mudança. Por outro lado, a

sua introdução recente no cenário religioso brasileiro, tradicionalmente Católico, a sua condição de elemento ainda em fase de penetração, o faz um movimento articulado, fator de ligação entre os diversos centros de difusão da crença e, conseqüentemente, entre qualquer das comunidades em que esteja presente e o mundo exterior à mesma. Nêsse sentido e nessas circunstâncias, as seitas protestantes estariam desempenhando um papel mais católico, universal, do que o Catolicismo tradicional.

A escola, que em princípio deveria desempenhar êsse papel de agência de enriquecimento de experiências e de grande articuladora da nacionalidade brasileira, continua fracassando no alcance dos fins a que ela mesma se destina.

Como a escola está fazendo face às condições locais, refletindo-as e sendo interpretada, nas comunidades estudadas.

Considerando que as diferenças de modos de vida das crianças da roça e, na cidade, das crianças das camadas inferiores e das crianças das classes alta e média, criam necessidades e expectativas diversas em torno da escola, assim como lhe dão diversa interpretação, examinemos a situação encontrada em Cunha e assim caracterizada nas palavras de Willems:

"A educação dos filhos é feita, na zona rural, quase exclusivamente pela participação da criança na vida dos adultos. Todos os fatores do meio doméstico e vicinal contribuem para transformar a criança, o mais depressa possível, em adulto.

Na roça, uma criança de seis ou sete anos já colabora com os adultos acompanhando-os à roça e imitando-lhes tôdas as técnicas de trabalho. A "hombridade" do menino é avaliada pela capacidade de trabalho, portanto pelo desenvolvimento físico. É considerado "homem" quando se revela capaz de "tirar uma tarefa", ou "meia tarefa" conforme a natureza do serviço. Nessa época, que coincide com a puberdade, o rapaz pede a faca, símbolo material da "hombridade". A entrega da faca equivale a um rito de passagem; é a iniciação de meninos que nunca tiveram outro ideal senão o de adotar os hábitos que a sociedade associa ao homem adulto...

A sociedade urbana apresenta um aspecto um tanto diverso. O trabalho infantil está limitado à classe inferior. Meninos entregam leite ou vendem horraliças a domicílio, limpam quintais ou se encarregam de recados ou outros serviços ocasionais. As meninas empregam-se em casas de família como domésticas ou ajudam as mães na lavagem da roupa. É significativo que muitas vezes não se "descobre" trabalho adequado para crianças. Muito cedo estas se habitam a vi

ver pelas uras subtraindo-se à vigilância paterna". (20)

A essa circunstância atribue Willems a diferença de atitude entre os pais da roça e os pais das crianças de classe inferior com relação à escola. Na roça, diz Willems, muitos pais consideram a escola uma inutilidade, mas na cidade recorrem à escola para "prender a criança porque a mãe não pode mais com ela". Querem matricular o filho antes de ele haver atingido a idade mínima exigida por lei. Não são raros os pais que autorizam os professores a "surrar" os filhos em caso de rebeldia, fato esse, ele acrescenta, que parece incompatível com a aversão que os pais geralmente têm às interferências educacionais de outrem.

A escola não consegue, pois, interessar às populações rurais de Cunha além de ensinar a ler, escrever e contar. As crianças da roça, cuja integração nos papéis de adulto se faz desde tenra idade pelo aumento progressivo de funções de mesmo gênero, todas elas ligadas à terra, precisariam, sobretudo, de uma escola cujas atividades fizessem sentido no quadro de vida que elas conhecem. Não será "qualquer escola" que interessará o povo da roça, como acontece na cidade com a classe inferior, onde a situação das crianças é bem diversa. Estas são crianças que participando de uma estrutura bem mais diversificada e precisando com seus pais ganhar a vida desde cedo, se entregam à profissão cujo mercado de trabalho não é estável. É somente natural que o controle dos pais sobre as mesmas tende a ser menos efetivo e surjam problemas de disciplina e que a escola neste quadro se afigure como o recurso salvador para delas cuidar por algumas horas, ao mesmo tempo que lhes ensina certas técnicas e noções fundamentais.

A situação das crianças de classe média e alta é bastante diversa. Delas não se espera que ganhem a vida mas, bem ao contrário, que tenham na infância um período de brinquedo, de lazer, para o qual contribuem todos, pais e professores, dando-lhes os meios necessários. Parece que somente nestas classes a escola realmente se afigura, como parte operante na vida das crianças. Ela aparece como principal canal de infiltração e difusão de elementos de "cultura juvenil" sobretudo para estas que dispõem de lazer e dos meios necessários para tanto.

"As crianças dessas classes podem entregar-se aos folguedos adequados à idade. Aprendem jogos na escola e prati-

cam-nos na rua, pois não há distâncias que lhes dificultem a associação. Através da escola são postos em contacto com a literatura chamada infantil, cujos efeitos começam a se fazer sentir na mentalidade das crianças cunhadas. Acresce a aprendizagem de esportes estimulados igualmente pela escola e, mais ainda, pelo rádio. Influências de companheiros viajados ou internados em escolas distantes completam esse quadro que está longe de representar uma cultura infantil plenamente desenvolvida, mas suficientemente para criar distâncias culturais entre as crianças da cidade e as do meio rural". (21)

Em "Minas Velhas" onde, como em tôdas as outras localidades, o professorado provém, quando não de fóra, da classe mais favorecida local, conseqüentemente a mais urbanizada, os ideais de educação também se orientam no sentido dos valores daquela classe. Vejamos o que diz Harris a êste respeito:

"Os valores na escala educacional são também bastante claros. Quanto maior o número de anos um indivíduo frequente a escola, tanto melhor êle é julgado. A educação permite em primeiro lugar o que é considerado mais importante um domínio da língua. A pessoa educada procura aproximar-se das complexidades do Português escrito que difere profundamente da língua da pessoa comum. Longa série de sinônimos, emprego perfeito do subjuntivo e tempos compostos e atenção à eufonia são símbolos honoríficos poderosos. A familiaridade com palavras pouco comuns e formas gramaticais e ruditas confere automaticamente um ar de distinção a quem as usa e lhe assegura o silêncio e o respeito dos ignorantes, ricos e pobres. Pura literacia eleva um homem acima de seus semelhantes; a pessoa que pode ler e escrever não é somente procurada para decifrar cartas de amigos e parentes distantes, mas na zona rural usualmente se faz conhecida nos problemas pessoais e coletivos. Tanto o prestígio da figura mais importante de Baixa do Gamba estava ligado à circunstância de ser a mesma um dos poucos adultos alfabetizados do povoado que, quando a criação de uma escola municipal foi proposta, êle formou ao lado daqueles que lutaram contra o projeto. Um prestígio adicional que a educação confere deriva do fato de que a alfabetização é um dos requisitos para o exercício do voto. Eleições e Política são coisas levadas a sério em Minas Velhas e o homem que não pode votar é evidentemente inferior àquele que pode fazê-lo". (22)

Não somente transparece neste trecho, transformado em ideal de educação, a mera elaboração de um aspecto do ensino, ideal êsse representado pelo "verbalismo", noblesse oblige segundo os padrões locais das pessoas educadas, como ficam muito evidentes, também, as relações entre educação, classe social e participação na estrutura nacional do contexto de "Minas Velhas" urbana e rural.

(22) - Harris, do MS.

### Padrões locais e a educação formal

Iniciamos aqui algumas considerações sobre atitudes, valores e conceitos locais cujas relações com a escola ou com o processo educativo resultam na criação de uma série de impecilhos à consecução dos seus objetivos.

A esse respeito um dos episódios mais ilustrativos nos é relatado por Marvin Harris:

"Em Baixa do Gambá ... Joaquim tem mantido por muitos anos com sucesso sua posição de chefe do povoado. Ele exerce grande controle sobre os negócios da comunidade, serve de árbitro nas disputas e é o representante do grupo ante os poderes políticos de Minas Velhas. Sua posição é reconhecida em caráter semi-oficial uma vez que há quarenta anos ele vem sendo o inspetor de polícia local, emprego para o qual foi qualificado em virtude de ser a única pessoa no lugar que sabia ler e escrever. Joaquim capitalizou estas duas habilidades de outras maneiras; ele tem feito tudo para fazer a gente de Baixa do Gambá acreditar que ler e escrever são conquistas de caráter mágico, dizendo ter aprendido a arte em dois domingos consecutivos fazendo promessas ao Senhor Bom Jesus. Por muitos anos costumavam vir pessoas de milhas ao redor afim de que ele lhes lêsse as cartas. Só recentemente este serviço deixou de despertar o respeito admirativo que a gente do lugarejo costumava sentir em relação a uma pessoa que havia dominado a arte da escrita".(23)

Joaquim entretanto não precisou certamente catequizar os seus clientes de maneira sistemática. O uso do sobrenatural como princípio explicativo de situações que se acredita inacessíveis a um tipo de explicação racional é fenômeno cuja incidência não está evidentemente restrita a Baixa do Gambá. Na realidade ele aparece, embora em graus variados, em todas as comunidades consideradas, e, não seria exagero dizer, universalmente.

A interferência do sobrenatural no domínio da educação cria, entretanto, problemas dos mais sérios à realização da obra educativa confiada à escola, uma vez que afeta os próprios alicerces em que a mesma se fundamenta. São, por exemplo, pressupostos fundamentais da educação como concebida pelas ciências que da mesma se ocupam: 1º) que a criança é um ser cuja organização psíquica se desenvolve e diferencia e cuja capacidade para aprender

(23) Harris, do M.S. Sobre funções sociais da ignorância vide Moore, Wilbert E. e Tumin, Malvin M., Some Social Functions of Ignorance in American Sociological Review, vol. 14, n. 6 Dezembro de 1949.

é inata. 2º) que os interesses da criança variam com as diferentes fases de seu desenvolvimento. 3º) que a aprendizagem está sujeita a leis em obediência às quais deve ser desenvolvido todo o ensino. Se assim é, os fundamentos da educação contradizem, fundamentalmente, a crença generalizada nas populações consideradas num "dom" para aprender, predisposição esta que separa em dois grupos bem distintos todos os indivíduos. De um lado, os privilegiados, "os inteligentes", aqueles que a possuem e para quem estão abertas as portas do saber; do outro, os desprotegidos da fortuna e que "coitados, não aprendem mesmo", porque não têm aquele "dom" para aprender persiste e explica os casos considerados difíceis.

Um aspecto correlato do problema, de cujo tratamento não nos poderemos ocupar agora, dada a falta de especificidade dos dados de que dispomos, é o da frequência de promessas, para passar de ano, para aprender a lição, o das fórmulas mágicas para alcançar os mesmos ou outros fins ligados ao mundo da escola, o das crenças no "mau olhado" ou na "coisa feita" como princípios explicativos de insucessos, o da confiança na "sorte", ou o de aceitar como racionalização para acontecimentos desfavoráveis a "falta" da mesma, etc. etc. Tais problemas, que deixamos apenas apontados aqui, não devem certamente estar ausentes em comunidades que apresentam situações como esta, descrita por Willems:

"Nas incertezas da vida o povo de Cunha recorre ao sobrenatural. Inúmeras são as situações que o cunhense considera inacessíveis a um controle racional ou, quando admite a existência de recursos racionais, não lhes atribui efeitos comparáveis aos que produziria a intervenção de forças sobrenaturais tidas geralmente como superiores. Seria difícil apontar uma esfera da vida que não fosse impregnada de fé no sobrenatural, em que não se empregassem meios julgados adequados para assegurar o auxílio de poderes sobrenaturais. (24)

e mais adiante:

---

(24) -Willems, p. 106

"...qualquer pessoa... pode possuir qualidades mágicas que a todo o momento, exigem medidas de precaução e defesa. Qualquer presente, sobretudo alimentos, podem estar enfeitados a fazer mal à pessoa que os aceita ou ingere. Em outras palavras: deve-se desconfiar de todos e de tudo. Não há de negar que essa situação contribui para alimentar suspeitas recíprocas e inquietação incessante entre aqueles que continuam acreditando em "coisa feita".(25)

Um outro padrão cultural cuja existência foi verificada em Cunha e cuja atuação na escola pode restringir a sua ação educativa é aquele por Willems denominado "padrão do respeito". Este padrão, como se pode depreender, está ligado a uma certa forma assumida pelas relações entre pessoas em posição de mando e pessoas em posição de obediência, que resulta na interdição da manifestação espontânea de juízos e emoções. Não sei em que grau, nas escolas a que se referiram as monografias, este padrão funciona, mas tudo indica a sua presença. Seria legítimo, então perguntar até que ponto as professoras locais capitalizam a existência de tal padrão em favor da manutenção da disciplina e do prosseguimento do seu programa de ensino, não permitindo assim aos alunos a tão desejada participação ativa nos trabalhos educativos que a escola primária brasileira, em teoria pelo menos, preconiza.

Dentre os padrões locais que interferem na esfera educacional, trataremos agora de certos valores e atitudes encontrados em "Vila Recôncavo" e cuja presença vêm prejudicando o acesso à educação formal de um número variado de crianças das classes menos favorecidas.

Uma criança que não esteja propriamente vestida não pode freqüentar a escola pública de "Vila Recôncavo". O valor "educação", conquanto grande seja a ênfase posta pelos adultos nas habilidades de ler e escrever, encontra-se efetivamente subordinado ao valor "indumentária".

"Todas as crianças têm que usar o mesmo uniforme azul e branco que originalmente se pensava viesse resolver o problema do vestuário. Em "Vila Recôncavo" entretanto, os pais entraram numa espécie de competição não oficial em que se cogitava do tipo de fazenda empregada na confecção do uniforme, de como era costurado, do tipo de iniciais nas le bordadas, etc. Quando um uniforme fica descorado ou rasgado e a família não pode substituí-lo imediatamente, a criança é deixada em casa. E, freqüentemente, se a criança

não tem sapatos ou algo acontece áqueles que ela possui, e la é também deixada em casa porque a família se sente envergonhada de manda-la á escola em tamancos. Roupas remendadas e pés descalços são aceitáveis para brincar depois da escola, mas para assistir a aulas, acha-se que a criança tem que estar propriamente vestida. Isto torna-se mais importante que o fato da criança ir á escola aprender". (26)

O fator "falta de vestuário" ao lado de outros, como pobreza, doença e desinteresse, são apontados pela diretora da escola da "Vila" como responsável pelas flutuações constantes da frequência escolar.

O último dos aspectos do qual gostaria de me referir é o que diz respeito aos estereótipos. Estereótipos, ou sejam juízos não submetidos à análise, ao raciocínio lógico, sobre pessoas e coisas, estão presentes, sob as formas mais variadas não só nas comunidades estudadas e por nós apreciadas, como, de resto, em toda a sociedade brasileira. Julgamentos parciais e limitados sobre o caipira, o índio, o caboclo, o branco, o negro, o mulato, o imigrante, de qualquer nacionalidade, o "pau de arara", enfim estereótipos a respeito de todos os elementos que participaram ou participam da formação histórica nacional. Os estereótipos variam com as regiões e, dentro delas, em função das posições ocupadas pelos diferentes grupos na estrutura social. Não vejamos: Em "Itá", na Amazônia, onde a porcentagem do elemento indígena na população é muito alta e onde ele ocupa as posições mais inferiores na escala econômica, o caboclo ou tapuia - o homem de aparência física índia - é considerado preguiçoso, tímido, trapaceiro e excessivamente desconfiado. É considerado excelente caçador e pescador, atividades para as quais diz-se ter sensibilidade especial e saber mesmo por "instinto" onde e como caçar e pescar, mas por outro lado preguiçoso porque não planta, vivendo do produto ínfimo da coleta de borracha e do peixe, para alimento; tímido porque vive na floresta "como animais; retirados dos outros"... (27) trapaceiro porque capaz de colocar uma pedra no meio de uma bola de borracha crua para aumentar o seu peso e vendê-la ao comprador. Nestes julgamentos, não são levados em consideração os aspectos totais da vida do seringueiro da Amazônia e os atributos

---

(26) Hutchinson, do MS

(27) Wagley, p. 141

acima referidos são tidos como inerentes àquele a quem são atribuídos. Tal situação leva ao seguinte resultado: toda a vez que alguém de tipo físico índio consegue elevar-se ao nível das classes mais favorecidas este alguém é considerado branco e julgado como tal, com todos os esterótipos que se associam a esse tipo físico.

Tomando agora o Recôncavo para contraste, lá vamos encontrar a seguinte situação: a zona rural de "Vila Recôncavo recebe todos os anos uma leva de Nordestinos que vem trabalhar nas fazendas de cana, na época da colheita. Na região são chamados "catingueiros", porque vêm do sertão, da Catinga. Eles vêm juntos e permanecem juntos, morando nas barracas que os donos de fazenda mandam construir para esse fim, cosinhando a sua própria comida, cuidando de sua roupa, divertindo-se à sua própria maneira, longe dos moradores ou trabalhadores residentes nas fazendas. O morador do Recôncavo olha de cima para o caboclo e o caboclo faz o mesmo com o morador do Recôncavo. "Em "Vila Recôncavo" há um certo desprezo em relação ao caboclo", diz Hutchinson(28) "Ele é considerado menos civilizado que o residente de Recôncavo" Por outro lado, ele é conhecido como melhor trabalhador, mais ambicioso, mais merecedor de confiança, mais econômico embora menos afável e mais rústico do que o habitante do Recôncavo. Aqui, é o trabalhador local, o morador, que é considerado preguiçoso. É fato reconhecido por todos que os trabalhadores rurais residentes do Recôncavo, em sua grande maioria descendentes dos antigos escravos, apegam-se a uma rotina de seis horas de trabalho, nunca fazendo o quanto podem e ridicularizando o Nordestino, "catingueiro", ou caboclo, por fazê-lo. "Ele não hesita em dizer que a escravidão já acabou e que ele não é obrigado a trabalhar um dia inteiro, considerando sua recusa como prova de sua independência. O trabalhador migratório, que não participa do medo, da tradição e do estigma da escravidão, considera isto preguiça da parte do trabalhador residente em oposição à sua própria diligência"(29) O caboclo também o considera ignorante e dele desconfia.

As pessoas da classe que pertencem os trabalhadores rurais não admitem o fato de possuírem ascendência cabocla ou índia mesmo quando as evidências físicas do fato estejam bem à mostra.

---

(28) -Hutchinson, do MS

(29) - Idem, Idem.

Entre os brancos "puros" i.é., a classe dominante, entretanto, a maneira de sentir em relação ao cabôclo é totalmente diversa. "Famílias brancas (as famílias de donos de fazenda) dizem que se sentiriam orgulhosas de saber que possuíam "sangue índio", pois isto indicaria a extensão do tempo que suas famílias estavam no Brasil". (30).

O fenômeno é pois social e não tem nada a ver com qualidades ou defeitos inerentes aos objetos da estereotípia. Estando entretanto presentes em tôda a parte, deles certamente participando professores e alunos, é fácil imaginar o perigo que os mesmos representam à formação das atitudes desejáveis no escolar.

Harris, no trecho que a seguir transcrevemos, documenta da maneira mais positiva esta situação, mostrando-a em tôda sua gravidade:

"Entre a gente da cidade, a superioridade do branco sôbre o preto é geralmente considerada como fato científico. Um dos livros escolares usados em Minas Velhas declara:

"De tôdas as raças a raça branca é a mais inteligente, perseverante e empreendedora... a raça negra é muito mais retardada que as outras ...

As seis professoras urbanas (tôdas elas, incidentalmente, brancas) concordaram com êste ponto de vista. Em sua experiência, disseram que o estudante preto inteligente era uma grande raridade. "É uma característica da raça negra".

Em Minas Velhas, além dos esterótipos, negativos em sua maioria, sôbre o negro, é grande o número de histórias que se conta sôbre a origem de sua inferioridade.

A necessidade de professores conscientes da existência e funcionamento dos esteréotipos na vida quotidiana parece-nos tão premente quanto a de professores que conheçam as técnicas de ensino.

### A criança em relação à escola

No terreno das atitudes manifestadas pelas crianças em relação à escola é realmente paupérrimo nosso material, a despeito da importância do tema. Disponos, apenas, de duas indicações e ambas mais ligeiras. Uma delas refere-se à criança de "Vila Reconcavo" e, a julgar pela informação, crianças das classes menos abastadas. Diz Hutchinson

"Raras vezes uma criança gosta da escola; ela geralmente a vê como um meio de escapar às suas tarefas de mensageira de recados e aos trabalhos de casa. Mas há sempre umas poucas meninas que tomam a professora como sua heroína, desejam ser como ela e por isso estudam. Os trabalhos escolares para cada uma representam um problema, pois poucas crianças são forçadas pelos pais a fazerem as tarefas que lhes são entregues pela professora". (31)

As motivações para freqüentar a escola que aí se refletem não são, evidentemente, as que a escola se propõe despertar na criança. A escola, parece-nos lícito concluir, não está conseguindo interessar a criança da maneira que, pelo menos teóricamente, deveria fazê-lo. As razões para esta décalage entre o que a escola pretende ser e o que ela acaba sendo na realidade são, entretanto, das mais variadas e certamente não derivam apenas da escola como instituição de ensino e grupo de trabalho. Elas se prendem também a outros fatores, oriundos das próprias condições em que vive a criança fora da escola; desajustamentos decorrentes da vida em família, condições de saúde precárias, particularidades da estrutura econômica e do mercado de trabalho seriam, por exemplo, fatores a serem levados em consideração numa análise desta ordem.

No próprio trecho citado já se faz referência à falta de colaboração, muito freqüente aliás, da família com a escola, o que certamente tem sua importância fundamental para o problema que vimos discutindo.

A outra informação sobre atitudes da criança em relação à escola vem de "Minas Velhas", e não somente corrobora algumas das informações anteriores como esclarece o seu significado.

Num inquérito feito entre 26 escolares do sexo feminino na zona urbana de "Minas Velhas" fez-se a seguinte pergunta: "Que é que você quer ser quando crescer?" 20 delas responderam: Professora.

No caso presente, como <sup>no</sup> anterior, parece que não somente o elemento de identificação com a professora merece ser levado em consideração. No quadro das ocupações locais abertas aos elementos do seu sexo, a profissão de professora é das mais valorizadas socialmente.

Dentre as 24 crianças do sexo masculino às quais foi feita a mesma pergunta somente duas deram resposta idêntica à das 20 meninas.

As expectativas da criança em relação à vida de adulto caberiam ser analisadas aqui, de pelo menos dois ângulos, caso para isso dispuséssemos de material. Poderíamos perguntar, de um lado, até que ponto a escola influiu na criação dessas expectativas; do outro, supondo que as expectativas houvessem sido criadas a despeito da escola, como a existência das mesmas influiria na atitude das crianças em relação à escola. Tudo isto fica, entretanto, registrado aqui apenas como problemas à espera da investigação daqueles que no futuro estudarem comunidades com o propósito especial de investigar problemas de educação, ou com qualquer outro propósito.

É evidente que todo o problema da escola primária brasileira, da tomada de consciência, de suas possibilidades e limitações, como elemento de mudança e de integração social está inextricavelmente ligado ao problema da formação do professor, ao problema das condições materiais em que se processa o ensino, assim como ao problema do número e da distribuição de escolas. O caso de "Itá", exemplo talvez dos mais extremos, precisa ser contado:

Em todo o município a que pertence "Itá", com cerca de oito mil habitantes, existiam apenas sete escolas, de uma única sala e professora, duas das quais eram na comunidade de "Itá", uma na sede e outra num dos povoados. As professoras não possuíam curso normal, e tinham, como única qualificação para o ensino, o saber ler, escrever e contar. Estas escolas ofereciam apenas os três primeiros anos primários.

A maioria das crianças de "Itá" e do povoado que possui escola, freqüentavam-nas mas poucas terminavam mesmo aquelas três graus, ou aprendiam alguma coisa mais do que assinar o nome e soletrar com dificuldade. O material de ensino recebido anualmente do Departamento de Educação de Belém para as duas escolas, dificilmente daria para uma só delas funcionar em condições razoáveis.

O pagamento das professoras estava atrasado de 5 meses e a de "Itá" ameaçava constantemente deixar o cargo.

A situação é mais ou menos representativa de todo o Brasil Amazônico, é a conclusão a que chega Wa gley.

### Aspectos da educação informal.

Na tentativa de complementar, embora de modo não de todo satisfatório, o nosso trabalho, iniciamos aqui algumas considerações sobre aspectos informais da educação nas comunidades que nos vêm servindo para estudo. A nossa preocupação central aqui será com os valores que orientam a formação da criança, condicionam-lhe o comportamento e o dos adultos em relação à mesma; com as expectativas que se formam em torno da mesma e às quais ela deve responder segundo os padrões sancionados pelo seu grupo.

Em torno de 3 variáveis giram os valores, atitudes e expectativas a que nos referimos: ambiente social em que vive a criança, a classe e o sexo a que ela pertence. É seguindo estas linhas mestras que analisaremos nosso material.

Tomemos como ponto de partida a primeira delas e usêmo-la como o pano de fundo contra o qual examinaremos as demais.

Em páginas anteriores, quando tratamos de como a escola estava respondendo a condições locais, refletindo-as e sendo interpretada, tivemos a oportunidade de abordar alguns aspectos estreitamente ligados ao funcionamento daquela primeira variável. Muito daquilo que dissemos então a respeito de Cunha se aplica quase que sem modificações às demais comunidades aqui consideradas. A dicotomia rural-urbana se manifesta não somente em relação a diferentes atitudes para com a escola como em relação a todos os demais aspectos da educação. Considerêmo-la, pois.

Em meio aos pequenos proprietários e trabalhadores assalariados das zonas rurais, onde a possibilidade de participação da criança na esfera econômica é desde logo aproveitada, ela é iniciada nas fainas do adulto desde os começos da segunda infância, tendo apressada assim a sua participação na vida total do grupo. Ela aparece então como um fator na produção, contribuindo com os demais membros da família para a subsistência comum. Atitudes correspondentes são formuladas a seu respeito.

A divisão de trabalho entre os sexos acompanha, nestas circunstâncias, a mesma linha traçada para os adultos. As meninas ajudam nos trabalhos que cabem à mulher; os meninos, nos trabalhos que competem ao homem. Às meninas são atribuídas, também, tarefas domésticas bem específicas e identificadas com os papéis

que se espera elas assumam mais tarde. Vejamos como esta situação se acha representada em "Itá":

"Meninas de seis ou sete anos carregam água do rio para o gasto da casa. Ajudam na cozinha, lavando pratos, moendo café, ajudando a cozinhar e mantendo a casa limpa. A filha de Juca que tinha onze anos, ajudava a lavar roupas, fazia quase todo o trabalho de passar roupa, trabalhava com a mãe na fabricação de farinha de mandioca, descascando a mandioca, passando a massa na peneira e virando a roda maior do triturador. Entre as horas de aula (de aproximadamente 8 horas até o meio dia) e as suas numerosas tarefas, Chiquinha tinha somente umas duas horas para brincar roubadas no fim da tarde. Os meninos são igualmente ocupados. Eles começam geralmente a trabalhar com seus pais nos roçados quando tem dez ou doze anos e até pescam à noite para ajudar a cobrir as necessidades da família. Enéas Ramos, por exemplo, criticava seu vizinho, Raimundo Mendes, porque este permitia seu filho de dez anos remar a canoa quando pescavam juntos por - que ele deixava o garoto pescar sozinho até quase meia noite. Na maior parte das famílias rurais, meninos de 12 anos dão 4 dias inteiros de trabalho na roça e freqüentemente substituem o pai na coleta da borracha quando este adocece. As crianças são sobretudo solicitadas para um sem número de mandados e uma variedade de tarefas que os adultos acham maçantes".(32)

Este tipo de situação pode ser generalizado não somente para as zonas rurais como para as camadas pobres de qualquer das comunidades em estudo. A idéia de que não se deve permitir que a criança trabalhe é essencialmente, como bem diz Wagley, (pg.178) uma idéia aristocrática, da qual não estão em condições de participar aqueles dois grupos.

A função de "ir a mandados" ou seja a de "meninos de recados", é quase que função específica das crianças, meninos em geral, das camadas inferiores das sociedades urbanas aqui consideradas. Frequentemente associada a esta função encontra-se uma outra qual seja a de vendedores ambulantes de produtos, muitas das vezes manufaturados por suas próprias famílias.

A participação da criança na esfera econômica é de tal ordem que automaticamente a leva a desenvolver atitudes de poupança, de busca de lucro, etc., naquilo que faz. Veja-se o que diz Hutchin-son a respeito:

"Garotos ganham freqüentemente alguns tostões pelas mandados a que vão, pelas mensagens que levam à pessoas a bordo, ou por carregar pacotes para aqueles que estão embarcando ou de-  
sembarcando. Muitas vezes eles apanham alguns sirís ou ca-

ranguinhos, algumas bananas ou amendoins, ou pegam na armadilha um peregrino ou canário para vender aos passageiros de bordo. Este dinheiro lhes pertence para gastar ou poupar, como lhes aprouver. Em quase todas as famílias, cada criança tem um frango ou dois ou talvez um pato e se apuram algum dinheiro na venda de ovos, este dinheiro também lhes pertence. Naturalmente, as crianças da zona rural não têm dessas oportunidades uma vez que poucos estranhos aparecem. Uma criança pode todavia, criar um porco e vendê-lo ao açougueiro que vem da vila ocasionalmente à procura de porcos ou carneiros para a matança". (33)

Nessas atividades é importante notar a participação maior de meninos. As meninas estão sempre mais presas às tarefas domésticas.

De referência à classe média urbana (são poucas as indicações que possuímos sobre a classe média rural) o melhor documento nos vem de "Minas Velhas" e "Vila Recôncavo". Aqui aparecem mais nitidamente diversas atitudes e valores mantidos em relação a meninos e meninas e que realmente fazem de suas vidas dois mundos bem diversos, como se pode inferir do seguinte trecho:

"O treinamento de crianças na classe B( ) é muito mais se<sub>u</sub> vero para as meninas que para os meninos. As meninas são encaminhadas às tarefas domésticas tão pronto se mostrem capazes: costura, bordade e cuidado das crianças menores. Elas têm pouca oportunidade para brincar enquanto que os meninos a têm em grande escala, correndo nas ruas depois da escola, brincando na praia, nadando, pescando no cais e na praia e jogando bola. Algumas vezes eles recebem a incumbência de ir buscar o cavalo ou a mula do pai no pasto fora da cidade e ocasionalmente recolher as galinhas que fugirem do quintal. Um menino é freqüentemente conhecido como "um perigo" ... termo que indica desaprovação de sua conduta e ao mesmo tempo um certo orgulho de sua teimosia e desobediência. Crianças são dificilmente espancadas não obstante o grau de sua desobediência. Até a idade de treze ou quatorze anos, quando eles terminam a escola primária local, e são mandados para Salvador para prosseguir na sua educação, os meninos são donos da cidade, associando-se com quem quer que queiram. Depois de serem mandados a estudar em Salvador eles geralmente abandonam a escola e arranjam um emprego qualquer do gênero "white collar", para desgosto de suas famílias que nunca abandonam a esperança de que o filho estude para se tornar advogado ou médico... (34)

Esse quadro não ficaria completo se não acrescentássemos mais estas observações:

---

(33) Hutchinson, do MS

(34) idem, idem

"Para as meninas que passam a vida na vila a existência po-  
de ser intoleravelmente tediosa. Elas têm que ser extrema-  
mente cuidadosas a respeito de onde vão, quando e com quem  
e de que fazem pois a maledicência da cidade pode prejudi-  
ca-las ... Espera-se que essas meninas sejam virgens, modê-  
los de propriedade as forças sociais que as compelem a se  
conformar com esse ideal são fortes bastante para mantê-  
las em casa". (35)

Harris descreve uma situação semelhante para "Minas Velhas":

Na cidade, as meninas são mais rápidas e completamente in-  
tegradas no regime doméstico - tomando conta das crianças  
mais jovens, costurando, lavando, etc., - com o resultado  
de que excetuando-se a escola, sua órbita de atividade diá-  
ria raramente as tira de casa para o resto de suas vidas.  
Os meninos, por outro lado, passam gradualmente a passar  
mais e mais tempo fora de casa. Os meninos da cidade rara-  
mente começam num emprêgo remunerativo sério antes dos 13  
anos. Na zona rural onde o seu trabalho na lavoura começa  
a ser útil desde os seis anos de idade, eles se tornam eco-  
nomicamente importantes mais cedo que na cidade. Quando  
os meninos da cidade não estão na escola eles estão comu-  
mente vadiando - jogando bolas de gude, brincando de pegar,  
nadando no rio, pegando passarinho - com uma liberdade de  
movimento nunca igualada por suas irmãs nem por seus pri-  
mos da zona rural. Faz-se um esforço consciente no senti-  
do de dar-se às crianças na fase pré-adolescente uma vida  
tão sem cuidados quanto possível. Sua principal atividade  
é ir à escola e brincar, embora as meninas se vejam mais e  
mais ocupadas em casa". (36)

Parece bem claro que às meninas da classe média é conferida  
uma responsabilidade que de modo nenhum encontra correspondente  
nas atitudes mantidas em relação aos meninos. Associadas a esse  
traço vamos encontrar em relação às meninas a valorização e, por  
todos os meios, a promoção de atitudes de modéstia, timidez, de-  
pendência, como qualidades a velar; em relação aos meninos, a va-  
lorização da agressividade e de certa irresponsabilidade. A i-  
niciativa só é admitida no comportamento feminino, dentro do seu  
pequeno mundo doméstico, ou dentro das profissões que lhes esti-  
verem abertas: professora, parteira, por exemplo. A esse respei-  
to Pierson nos dá algumas informações valiosas:

"Algumas mulheres exercem alguma liderança na comunidade,  
extendendo-se sua influência algumas vezes não somente ao  
seu próprio sexo, mas de alguma forma ao menos, ao sexo o-  
posto também. Uma é a professora que chegou no povoado há  
uns 15 anos atrás, bem jovem, casando-se anos mais tarde  
com um homem do lugar. Como já foi indicado, ela está ho-  
je completamente assimilada e é parte integrante da comuni-

dade. Ela é afável e competente e regularmente assume uma certa iniciativa em relação à escola bem como às festas religiosas. Moginhas, especialmente aquelas de famílias menos bastadas, vão à ela freqüentemente na ocasião do casamento, para se vestirem para a ocasião e receberem conselhos sobre o que fazer. Ela é provavelmente a mulher que mais se movimenta na vila. Uma vez por mês ela assiste à uma reunião de professoras na cidade vizinha de Boa Vista e ocasionalmente visita sua família em São Paulo. Embora ela tenha mais anos de escola que qualquer outra pessoa no local, ela é modesta e despreziosa. Suas opiniões, usualmente expressas com clareza, são ouvidas com respeito considerável". (37)

Caberia aqui uma pergunta em face desse tratamento diferencial e rígido de meninos e meninas em sociedades que num grau maior ou menor já estão envolvidas num processo de mudança iniciado pela penetração de um sistema cujos valores diferem bem profundamente de muitos daqueles que lhes são peculiares: quem estará melhor aparelhado para enfrentar a mudança, meninos ou meninas, homens ou mulheres?

Nas camadas superiores das estruturas socio-econômicas locais as atitudes divergem das da classe média. A maior igualdade de oportunidade e de equidade no tratamento conferido às crianças nesta classe permite às meninas uma vida menos reclusa e uma possibilidade de participação em esferas mais variadas da vida.

Uma atitude que parece comum a todas as camadas a despeito das diferenças apontadas é a da preferência pelo menino, revelada desde que a criança está para nascer. A valorização do menino em detrimento da menina aparece em mais de um relato, mesmo no caso, como é o de Búzios e o de Minas Velhas, em que as circunstâncias várias vêm fazendo da mulher um elemento econômico mais positivo.

Em Minas Velhas, a migração em caráter permanente para São Paulo e Paraná de grande número de homens da cidade, tem obrigado as mulheres a substituí-los no artesanato de metal e de couro, as principais indústrias da cidade, como na contribuição econômica efetiva que àqueles cabia. Todavia em "Minas Velhas",

"Da mesma maneira que todo mundo considera melhor ser branco do que preto, todo mundo acha melhor ser homem do que mulher. Desde o começo a criança do sexo masculino recebe maiores atenções do seu pai que suas irmãs. As primeiras palavras de

um pai, quando informado de que a criança já nasceu e que sua mulher está passando bem, ao, "É menino?"

Em Búzios também, embora os pais em geral sejam muito orgulhosos dos seus filhos, e em alguns casos ambos preferam meninas a meninos, "porque espera-se ajuda econômica das filhas e não dos filhos" (p.68), muitos deles parecem mais inclinados a fazer mais sacrifícios por um filho do que por uma filha.

Estas são as atitudes, comportamentos e expectativas que se encontram associadas às crianças de ambos os sexos das comunidades que nos serviram neste estudo. O seu conhecimento nos parece indispensável a quem de uma forma ou de outra esteja ligado à realização de uma obra educativa. Lamentamos apenas a escassez do material com que lidamos, razão porque deixamos de considerar um sem número de aspectos outros de igual importância da educação informal. O que se ensina em casa à criança, como se ensina, as formas de disciplina, ou a essência das mesmas, as de emulação, enfim um grande número de problemas que ficam assim, apenas mencionados, porque também apenas mencionados estão nas fontes compulsadas.

## Conclusões

1. Para que os estudos de comunidades realmente contribuíssem ao máximo para o conhecimento da complexidade das sociedades nacionais e dos seus problemas, êles precisariam ir além da simples apresentação de um quadro geral da vida de uma comunidade, do traçado do seu perfil, da descrição do entrelaçamento de suas instituições. Êles precisariam, efetivamente, analisá-la em termos de sua participação na estrutura nacional de que fazem parte. Somente dessa perspectiva acreditamos poder chegar a uma compreensão mais real das mesmas e do que elas verdadeiramente representam no cenário nacional. Alguns dos estudos considerados infelizmente não supriram esta lacuna.

2. A compreensão das diferentes coordenadas que entram em jôgo na formação de uma comunidade já seria, por si só, um critério na determinação do que seria ou não relevante para o seu estudo e, conseqüentemente, para a seleção do material a ser colhido. A consideração da posição administrativa das comunidades estudadas, por exemplo, teria sido por si só suficiente para a compreensão dos tipos de instituições que provavelmente seriam encontradas ou não em cada uma delas, da forma com que estas instituições se apresentariam, assim como do seu maior ou menor grau de estruturação. Teria no mínimo indicado o caminho a seguir na colocação das mesmas na perspectiva mais ampla em que as mesmas precisam ser encaradas.

3. Se é objetivo dos estudos de comunidades traçarem apenas um perfil, um modelo de entrelaçamento de instituições, que, pelo menos, êsse perfil fique traçado, que estas relações fiquem demonstradas nas dimensões local e nacional. Os estudos de problemas específicos aprofundar-se-iam destas relações para se aprofundarem nos detalhes.

4. No que se refere à escola, em face das situações que neste trabalho discutimos, a necessidade de que tome consciência da realidade que representa, parece-nos fundamental. Se de um lado ela é instituição nacional e representa uma certa ordem de valores diversos e heterogêneos. Se, como instituição nacional,

ela supõe uma política e uma teoria de educação, na prática a interferência de um sem número de variáveis, se incumbe de transformar aquela orientação e amoldá-la em sentidos não previstos.

5. A escola precisaria pois estar consciente:

- 1 - do seu papel de instrumento de mudança e de integração das diversas populações sobre as quais atua, na sociedade maior a que as mesmas pertencem.
- 2 - da diversidade de expectativas e de solicitações que se criam à sua volta e da sempre presente possibilidade de sua identificação com um desses grupos de interesse em detrimento dos demais, prejudicando assim a realização dos seus objetivos.
- 3.- dos valores, conceitos e atitudes locais que, divergindo dos seus, podem contrariar, em parte ou totalmente, as próprias bases do ensino.
- 4 - da sua condição de grupo cuja composição é frequentemente heterogênea e no qual estando muitas vezes em jogo interesses diversos é constantemente ameaçada a obra educativa a que em ideal se propõe.
- 5 - em suma, da sua condição de instituição a que está confiado um programa mas para a realização do qual a dinâmica interna do grupo social que a concretiza e a de suas relações com o ambiente que o cerca podem se tornar elementos positivos ou negativos e sensivelmente modificá-lo.